

Reflexões Sobre o Conceito de Guerra na Cotidianidade da Cidade do Rio de Janeiro¹

Eduardo Brasil Barbosa Junior²

Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano - Universidade Federal Fluminense
(PPGMC - UFF)

Resumo

Este ensaio propõe uma reflexão crítica a respeito do uso da expressão e do conceito de “Guerra” na cotidianidade da cidade do Rio de Janeiro. Elaborado com base na observação do discurso praticado pela mídia hegemônica, a respeito de uma imagem já cristalizada de “Guerra no Rio de Janeiro”, este ensaio tem como objetivo realizar uma reflexão sobre as condições de produção e circulação das informações, que reproduzem e dão cada vez mais ênfase ao “medo do outro”, enquanto se justifica a violência, e o conflito armado como parte constituinte dos noticiários cotidianos e das mídias tradicionais e hegemônicas. Buscamos construir uma análise que confronte a banalização da questão da violência urbana carioca *versus* uma “metáfora de Guerra” propagada pelos meios de comunicação convencionais.

Palavras-chave

Comunicação; Hegemonia; Guerra; Mídia e Cotidiano; Rio de Janeiro.

¹ Trabalho proposto para apresentação no GP 22 de Comunicação para a Cidadania - Divisão Temática 7 de Comunicação, Espaço e Cidadania - XIX Encontro dos Grupos de Pesquisa da Intercom Nacional 2019.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano - Universidade Federal Fluminense (PPGMC - UFF) e graduado em História pela Universidade Federal Fluminense (IHT - UFF) - e-mail: eduardojuniorb@gmail.com

1. Introdução

O aparato midiático realiza, constantemente, um controle seletivo de informações e opiniões a serem divulgadas. Ao procurar reduzir o espaço de circulação de visões e alternativas contestadoras os sistemas midiáticos hegemônicos demonstram a sua grande capacidade de fixar sentidos e ideologias, selecionando os conteúdos que, a seu critério, devem ser vistos, lidos e ouvidos pelo público, evitando desajustes entre as interpretações dos acontecimentos e sua aceitação por parte de indivíduos, grupos e classes.

A opinião pública (senso comum) é induzida ao convencimento de que só tem relevância social aquilo que se expõe em telas, monitores ou nos jornais de grande circulação. Com isso, tendo em vista o papel das narrativas midiáticas na formação do imaginário de uma sociedade marcada pelas desigualdades e pelos conflitos oriundos da violência, percebe-se uma nova configuração dos espaços urbanos, onde a cidade do Rio de Janeiro é representada por um quadro de segregação social e espacial nos conflitos armados que a grande mídia resolveu batizar como a “Guerra no Rio de Janeiro”.

As possíveis causas dessa violência são antes atribuídas às desigualdades sociais, corrupção, preconceitos e uma política de armas que permite sua circulação em grande quantidade, como parece acreditar o senso comum. Todavia, as várias repetições do significativo “guerra” utilizado para as situações de belicosidade mencionadas pela grande mídia, sugerem a intenção de um sistema capaz de nos direcionar a um cenário de caos completo, fugindo da neutralidade que deveria ser adotada por veículos de comunicação.

A pesquisadora Léda Mansour³ resgata em seus trabalhos, o conceito de Raymond Williams ao analisar a hegemonia como processo, que possui estruturas internas complexas e precisa ser renovado e recriado continuamente, pois a hegemonia “sofre uma resistência continuada, alterada, desafiada por pressões que não são as suas próprias pressões” (WILLIAMS, 1979, p.115-116). Com o foco de análise sobre as inter-relações entre comunicação e o direito à cidadania nos países árabes, a pesquisadora aponta para o fato de que as redes sociais se tornaram uma grande parte do nosso ambiente cotidiano, reformulando as relações humanas através da Internet e gerando microtransformações na sociedade ao longo da era digital.

³ Léda Mansour é linguista e professora na *Normale Supérieure à Paris* e membra associada da Universidade de Paris I – Pantheon Sorbonne, na cadeira de Diálogos Culturais. PhD em Ciências da Linguagem pela *Nanterre University*; realizando trabalhos também, junto ao *Center of Marc Bloch in Berlin*. No final do mês de março de 2019, ministrou aulas no curso sobre "Práticas e Cultura Digital no Cotidiano" nos contextos árabes e francês no PPGMC/UFF.

Mansour trabalha desde 2016 o papel do Twitter e da mídia online na criação do espaço público saudita, revelando assim, que o que está online é uma repetição simbólica de aspectos importantes do cotidiano⁴ offline. Com o pano de fundo dos conflitos religiosos, geoestratégicos, político-econômico e principalmente sobre questões de rivalidades locais entre palestinos e judeus, a fim de se entender os seus impactos nas redes sociais, os estudos desta pesquisadora mostram que as redes sociais se tornaram uma forte ferramenta para as pessoas se reunirem e resistirem. Segundo a autora, após a onda de protestos conhecida como a Primavera Árabe,⁵ ao mesmo tempo que os “*tweets*”⁶ estavam desempenhando o seu papel como ferramenta de comunicação pessoal, eles se tornaram a principal fonte de informação sobre a realidade vivenciada nestes países.

Como a tentativa de aproximação e paralelos à realidade brasileira, ou mais especificamente ao estado de exceção e de violência urbana vivenciado na cidade do Rio de Janeiro, questões sobre a atuação de grupos que trabalham denúncias e violência urbana nas redes sociais, como “Mídia Ninja”⁷ e “Onde Tem Tiroteio”⁸ foram levantadas sob a égide da questão: “Nós também vivemos em uma Guerra?”.

Sendo esta uma pergunta complexa, abordaremos na próxima seção do ensaio, a noção carregada pela palavra Guerra em seu uso cotidiano. Muito além da sua natureza etimológica, que será abordada na segunda etapa deste texto, a Guerra é também uma metáfora recorrente no discurso midiático, na política geral e principalmente nos discursos sobre segurança pública, na mídia convencional e nos meios de comunicação hegemônicos. São inúmeras matérias na grande mídia em que encontramos situações como: “Guerra ao tráfico de drogas no Rio de Janeiro”⁹; “Estamos em uma Guerra”¹⁰ ou “Guerra entre traficantes deixa 2 mortos na Rocinha”¹¹, entre diversas outras analogias.

⁴ De acordo com Henri Lefebvre (1991, p.30), o cotidiano, se tomado como conceito teórico, seria uma espécie de fio condutor que permitiria conhecer a realidade social de uma dada época, pois é no cotidiano que 'abstrações' como o Estado, a técnica, a cultura, as contradições sociais, se manifestam de forma concreta.

⁵ A “Primavera Árabe” é o nome dado à onda de revoltas populares contra os governos do Egito, Tunísia, Líbia, Síria. Durante o ano de 2011, a população destes países saiu às ruas em protesto reivindicando melhores condições de vida.

⁶ Os “*tweets*” são mensagens e postagens feitas no serviço de notícias on-line e rede social norte-americana Twitter.

⁷ A Mídia NINJA é uma rede de comunicação independente que busca formas de produção de informação a partir das novas tecnologias e de uma lógica colaborativa. O conteúdo produzido pela Mídia Ninja ganhou notoriedade durante as manifestações de junho de 2013, realizando coberturas com múltiplos pontos de vista invisíveis na mídia tradicional.

⁸ A OTT-Brasil é um serviço de utilidade pública, fundado em janeiro de 2016, preocupados com o crescimento da violência no Brasil, que tem como principal objetivo retirar os cidadãos das rotas dos arrastões, falsas blitzes e de balas perdidas, com informações que são colhidas, analisadas e divulgadas num curtíssimo espaço de tempo.

⁹ Matéria sobre Operação policial na favela Vila Cruzeiro, na Penha Zona Norte do Rio. Publicada em 25/11/2010. Disponível em: <<http://www.agenciaoglobo.com.br/ui/fotogaleria>> acesso em: 27 junho de 2019

¹⁰ Matéria do G1 de 31/05/2019 - Sergio Adorno fala sobre a tendência sobre a diminuição dos homicídios. Disponível em: <<https://g1.globo.com/yvonne-maggie/2019/5/31/sociologo-sergio-adorno>> acesso em: 27 junho de 2019

¹¹ Matéria exibida no Fantástico em 17/09/2017 “Guerra entre traficantes deixa dois mortos na Rocinha”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/videos/guerra-entre-trafficantes-deixa-dois-mortos-na-rocinha>> acesso em: 27 junho de 2019

Na parte final, buscaremos traçar paralelos sobre a cobertura cotidiana, como aquelas realizadas por Peter Arnet sobre conflitos de grande escala, a exemplo das Guerra do Golfo e do Vietnã, e compará-los com algumas das peculiaridades presentes nas coberturas midiáticas com a temática dos conflitos realizados na cidade do Rio de Janeiro.

Para entendermos um pouco mais o poder das redes sociais e buscarmos exemplos recentes em parte das ferramentas citadas pela pesquisadora Léda Mansour, realizamos um rápido levantamento sobre os mais de 15 mil compartilhamentos da charge elaborada pelo perfil do Twitter “@tirinhadearmandinho”, em referência ao caso em julgamento dos mais de 80 disparos realizados contra o carro de uma família, durante uma ação do Exército Brasileiro na região da Vila Militar do Rio de Janeiro, no dia 7 de abril de 2019.



Disponível em: <facebook.com/tirasarmandinho> Acesso em: 27 junho de 2019

Os debates realizados através das redes sociais, como no exemplo, crescem a cada dia inspirando milhares de pessoas, segundo uma nova lógica característica de movimentos sociais em rede. Neles encontramos diversas lutas por justiça social e gestos de oposição que tomam forma no ambiente virtual, a fim de construir espaços próprios de resistência para enfrentamento contra a violência e as forças repressivas do Estado no espaço urbano.

É neste espaço que jovens, cidadãos e membros de uma sociedade civil reverberam vozes capazes de denunciar em protesto e assegurar, através das redes sociais, aspectos de sua própria inquietação social que por mais que em alguns casos não atinjam o limiar da relevância política, o uso democratizador das mídias sociais acaba por permitir que tais revoltas individuais se tornem protestos coletivos, em uma sociedade em movimento.

Com base nestas ideias, o ensaio busca refletir a respeito dessas questões, partindo da premissa considerada pela própria professora Léda Mansour de que apesar de vivermos na cidade do Rio de Janeiro uma situação anômala, a realidade de um estado de exceção é realmente diferente quando comparada ao contexto de Guerra absoluta. Todavia, em particular, quando as comunidades estão sub-representadas, as redes sociais tornam-se fortes ferramentas de socialização e consequentemente de resistência.

2. Sarajevo é Brincadeira Aqui é o Rio De Janeiro

“Os cães ladram mas a caravana não para” (1997) é o nome do segundo álbum de estúdio, lançado pela banda brasileira de rap rock “Planet Hemp”. Com composição do trio de rappers Marcelo D2, BNegão e Black Alien, o disco tem como sua faixa de abertura o *sample* ácido de "Zerovinteum", um título que faz alusão ao código de DDD (021)¹² prefixo da cidade do Rio de Janeiro, cuja letra diz:

Rio, cidade-desespero / A vida é boa, mas só vive quem não tem medo/
Olho aberto malandragem não tem dó / Rio de Janeiro, cidade hardcore.
Arrastão na praia não tem problema algum / Chacina de menores é aqui
021 / Polícia, cocaína, Comando Vermelho / Sarajevo é brincadeira,
aqui é o Rio de Janeiro. (PLANET HEMP, 1997)

Muito além da controversa opinião e o engajamento político manifesto por esta banda, "Zerovinteum" traz a crítica e reforça a imagem já consolidada pelos noticiários internacionais, através das mídias hegemônicas, além daquilo que é amplamente difundido pela Internet, e no exterior, a respeito da realidade cotidiana e da violência urbana na cidade do Rio de Janeiro. Mas qual leitura que está por detrás da ideia de que: “Sarajevo é brincadeira, aqui é Rio de Janeiro”?

Sarajevo é a capital e a maior cidade da Bósnia e Herzegovina, sendo considerada uma das mais importantes áreas da Península Balcânica, dona de uma história rica que pode ser observada desde sua fundação no século XV pelo Império Otomano. Foi nesta mesma cidade que se deu o assassinato do Arquiduque Franz Ferdinand, fato histórico que serviu como estopim para o primeiro conflito de proporções épicas da contemporaneidade: A Primeira Grande Guerra Mundial.¹³

Todavia, acreditamos que, em linhas gerais, os termos Sarajevo, Bósnia e Herzegovina estejam mais presentes na memória coletiva dos brasileiros, e especialmente da população carioca, em função dos conflitos históricos mais recentes como a Guerra Civil Iugoslava, noticiada pela mídia formal durante o período de 1991 e 2001. Resta então a simples pergunta: “Onde está a brincadeira aí?”

¹² A sigla DDD significa Discagem Direta à Distância. É um sistema de ligação telefônica automática entre diferentes áreas urbanas nacionais. O DDD é um código constituído por 2 dígitos, no caso do DDD 21, este refere-se ao total de 23 cidades localizadas na macrorregião do Rio de Janeiro capital, todas estas dentro do Estado do Rio de Janeiro.

¹³ Também conhecida como Grande Guerra ou Guerra das Guerras até o início da Segunda Guerra Mundial, tratou-se do conflito global que começou em 28 de julho de 1914 e se estendeu até 11 de novembro de 1918.

O conceito de uma "Grande Sérvia" foi a justificativa principal para muitos dos combatentes sérvios, e demais voluntários, terem se envolvido num conflito armado. Motivados pela ideia de realização de diversas limpezas étnicas em áreas majoritariamente povoadas por sérvios, dentro da antiga República Socialista Federativa da Iugoslávia, dezenas de milhares de não sérvios foram mortos e centenas de milhares de civis tiveram de abandonar suas casas e empreender em fuga, por conta de uma guerra que deixou um rastro de extrema violência e destruição. Dito isto, e com intuito de desviar dos argumentos que pautam o discurso do senso comum, nos perguntamos: “Mas, afinal, o que é Guerra?”

3. Mas Afinal, O Que é Guerra?

Discórdia, batalha, combate ou conflito, não faltam sinônimos para determinar o substantivo feminino “Guerra” que, segundo o Novo dicionário da Língua Portuguesa, refere-se a luta armada entre nações, ou entre partidos de uma mesma nacionalidade ou de etnias diferentes, com o fim de impor supremacia ou salvaguardar interesses materiais ou ideológicos. Outra definição pode apontar para os confrontos sujeitos a interesses e disputas entre dois ou mais grupos distintos, mais ou menos organizados, que se utilizam de armas na tentativa de derrotar o seu adversário. (FERREIRA, 2004)

O emprego linguístico e a etimologia da palavra “Guerra” apontam para três diferentes origens tais como: 1) O termo grego Polemo (Πόλεμος), do qual Gaston Bouthoul fez derivar a Polemologia, ou seja, o estudo científico das guerras, suas causas, seus efeitos e funções enquanto fenômeno social; 2) Uma outra forma encontra-se na origem latina do termo *Bellum*, que possibilitou aos italianos forjarem o termo *bellicosità*, que em português seria a ideia de belicosidade; 3) Contudo, com a intenção de buscar uma maior proximidade, ao nosso linguajar cotidiano, vamos nos pautar no termo alemão *Werra* que originará as formas neolatinas Guerra, assim como a palavra francesa *Guerre* e a expressão do bretão antigo *War*, mesmo sabendo que a leitura da obra de Clausewitz, aponte para o alemão moderno que usa da forma linguística *Krieg*. (BOUTHOU, 1964)

Após as Guerras Napoleônicas, entre o período de 1803 e 1815, a obra incompleta do general prussiano Carl von Clausewitz foi publicada, “*Vom Krieg*”, em português “Da Guerra” se tornando, até a atualidade, um dos mais respeitados clássicos da literatura e da história militar. Com uma definição confessadamente difícil Clausewitz declara em sua

obra que “A guerra é, pois, um ato de violência destinado a forçar o adversário a submeter-se a nossa vontade” (VON CLAUSEWITZ, 1979, p.7). Assim, para confrontar a violência que subjuga o direito das nações, a guerra, se municia das armas, da força e da tecnologia para impor-se, a si mesma, como mecanismo do direito à vida e do direito dos povos.

Marc Bloch, o renomado historiador francês e fundador da Escola dos Annales, foi testemunha e agente da História ao participar da Primeira Guerra Mundial, servindo sob as armas de infantaria, sendo ferido e posteriormente condecorado por mérito militar. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, e a ocupação nazista na França, Marc Bloch que era de origem judaica, passou a integrar a Resistência Francesa, até o momento em que acabou detido e fuzilado por agentes da Gestapo no dia 16 de junho de 1944.¹⁴

Atento a um movimento belicoso que mudaria a história da humanidade para sempre, Marc Bloch foi capaz de documentar através de anotações em seus diários de guerra o espetáculo de horrores diretamente relacionado a batalha e a um cenário de destruição total, como podemos verificar no trecho a seguir:

Muitos cadáveres permaneciam ainda na terra. Pobres corpos, caídos em plena fadiga: seus músculos contraídos, como num último esforço. Os mortos de grandes combates não conhecem a majestade do eterno repouso. Um odor infecto inebriava o coração. O solo estava coberto de detritos de todo tipo: armas, equipamentos, fragmentos humanos. Deparei-me com uma perna que, separada do corpo que a tinha carregado e do qual ela havia sido arremessada para longe, permanecia isolada, quase ridícula naquele horror. Passamos rápido. Finalmente, deixávamos para trás esses lugares fúnebres. (BLOCH, 1997, p.126)

A despeito de cada um destes fatos vivenciados pelo historiador, a História contada pelos “vencedores” se consolidou ao preço de centenas de milhares de vidas capazes de tornar os feitos e triunfos de “homens ordinários”¹⁵ em histórias memoráveis. Todavia é importante frisar que as duas Grandes Guerras foram “Guerras Totais”, uma vez que mobilizaram ao mesmo tempo recursos de diversas nações em conflito.

¹⁴ BLOCH, Étienne. “Avant-Propos” in: BLOCH, Marc; BECKER, Annette (ed.) “L’Histoire, La Guerre, Lá Résistance. Paris, Gallimard, 2006.

¹⁵ Faço uso aqui da perspectiva do historiador Michel de Certeau que trabalha a ideia de um “homem ordinário” como o homem comum, não em sua condição ontológica apenas como um ser no mundo, mas também como uma presença neste mundo. Uma espécie de soldado caminhante entre as trincheiras cotidianas, capaz de utilizar o espaço que ainda lhe é desconhecido em proveito e uso próprio, fazendo assim de tais trincheiras os seus espaços provisórios de combate, de movimentação e de luta. in: “A invenção do Cotidiano, artes de fazer” (CERTEAU, 2008)

Diferente daquilo que chamamos de uma “Guerra Total”, existem diversas outras formas de se classificar um conflito, seja através de suas causas, abrangência, intensidade ou até mesmo pelo tipo de armamento utilizado. Segundo Clausewitz (1979, p. 78) a “Guerra Total” toma sua forma absoluta, quando sua existência se desloca do plano das ideias ou do planejamento estratégico, tornando-se real a exemplo das Guerras Napoleônicas¹⁶ e das próprias Primeira e Segunda Guerras Mundiais.¹⁷

Demais conflitos como, por exemplo, a Guerra do Paraguai (1864 - 1870) que pode ser considerado um dos maiores esforços bélicos internacionais ocorridos na América do Sul, tem como foco central dois ou mais países que compõem uma espécie de núcleo principal do confronto, tal como neste caso específico as rixas travadas entre o Paraguai, governado à época por Solano López *versus* a chamada Triple Aliança composta por Argentina, Uruguai e Brasil.

Ao pensarmos em nosso principal objeto de estudo, ou seja, a relação Mídia e Cotidiano quando relacionada a conflitos e temporalidades distantes como a Guerra do Paraguai, surge uma primeira dúvida sobre qual o tipo de iconografia, relatos e registros que podem contribuir para os estudos da cotidianidade a respeito dos “homens ordinários” e a suspensão de um tempo comum.

Apesar da importância da Guerra do Paraguai para os latino-americanos a iconografia é escassa. Os registros fotográficos do conflito acabam por retratar apenas um pouco do dia a dia do conflito como uma espécie de continuidade do estilo fotográfico da época, segundo o que podemos constatar no acervo disponível na Biblioteca Nacional, sediada na cidade do Rio de Janeiro.

Podemos entender, assim, que a Guerra do Paraguai seria uma espécie de primeiro grande conflito a receber cobertura visual na imprensa sul-americana se tornando um dos assuntos preponderantes na mídia formal entre os anos de 1864 e 1870, sendo esta também um marco importante para a fotorreportagem no Brasil.

¹⁶ As Guerras Napoleônicas (1803 – 1815) foram uma série de grandes conflitos que opunham o Império Francês e seus aliados, liderados por Napoleão I, contra uma gama flutuante de potências europeias formadas em várias coalizões, financiadas e geralmente lideradas pelo Reino Unido. As guerras resultaram das disputas não resolvidas associadas à Revolução Francesa e seu conflito resultante. As guerras são frequentemente classificadas em cinco conflitos, cada um denominado após a coalizão que combateu Napoleão: a Terceira Coalizão (1805), a Quarta (1806 – 1807), a Quinta (1809), a Sexta (1813) e a Sétima (1815). (Fonte: adaptado de: *Atlas da História Universal*. Editora O GLOBO, 1995.)

¹⁷ A Segunda Guerra Mundial, foi uma guerra global que durou de 1939 a 1945. A grande maioria dos países do mundo - incluindo todas as grandes potências - acabaram por se unir em dois grupos militares oponentes: Aliados (britânicos) e o Eixo (alemão). Caracteriza-se com um estado total de guerra que envolvendo diretamente mais de 100 milhões de pessoas em mais de 30 países. A II Guerra Mundial foi o conflito mais mortal da história da humanidade, marcado por 50 a 85 milhões de mortes, a maioria de civis na União Soviética e China. Incluiu massacres, o genocídio do Holocausto, bombardeio estratégico, morte premeditada de fome e doenças, e o único conflito com uso de armas nucleares. (Idem)

4. Cobertura, Mídia e o Cotidiano de uma Guerra

No final do século XX, o jornalista Peter Arnett recebeu o prêmio Pulitzer (1996) por seu trabalho como correspondente da Guerra do Vietnã. Para muitos a Guerra do Vietnã foi a primeira a ser transmitida pela televisão e a receber ampla cobertura dos meios de comunicação. Seu livro *“Live from the Battlefield”* (1994) revive as experiências do autor que em 35 anos de jornalismo já contabilizava a cobertura de mais de 17 conflitos em seu currículo. Arnett conta o quanto a sua experiência no Vietnã foi difícil, principalmente porque a guerra estava sendo mal vista pela opinião pública norte-americana.

Segundo o livro, aproximadamente vinte e cinco anos depois, o jornalista reinicia uma nova cobertura, agora, no Oriente Médio, tomando uma decisão que transformaria sua própria vida ao se mudar para Bagdá, fixando moradia no epicentro da Guerra do Golfo. Peter Arnett foi um dos poucos jornalistas a ficar na cidade bombardeada, contrariando na época as ordens do então presidente George H. W. Bush para que todos os jornalistas americanos se retirassem da região.

A Guerra do Golfo estampou mudanças na forma como a mídia e o cotidiano se relacionariam, a partir da década de 1990, com situações limites e a revolução do poder da imagem no mundo contemporâneo. Foi através deste confronto que a grande mídia anunciou a primeira guerra posterior à dissolução do muro de Berlim, símbolo principal do final do conflito ideológico conhecido como “Guerra Fria”, a Guerra do Golfo foi a precursora de uma nova era que acabará de instaurar uma nova ordem internacional.

Como se sabe, a tecnologia pode ser uma ferramenta, uma arma ou um instrumento. Isto é: a potenciada tecnologia pode ser vetorizada para a construção, a destruição ou a percepção do mundo. E o que se viu agora, na Guerra do Golfo, foi a consagração da tecnologia como arma. Desse ritual de consagração participaram os telespectadores do mundo inteiro. (SANTOS, 1993 p. 157)

A experiência acumulada na última década do século XX sobre o “jornalismo de guerra” fez com que governos e militares passassem a limitar e a controlar mais o movimento de jornalistas, proibindo sua movimentação e acesso em determinadas localidades. Como consequência dessa situação, o direito à informação correu o risco de ficar profundamente comprometido, criando em certas situações uma tendência propagandista da notícia em relação a realidade dos fatos dos conflitos.

5. Rio de Janeiro, Notícias de uma Guerra Peculiar

No dia 16 de agosto de 2017 o grupo Globo criou através do jornal Extra um editorial chamado ‘Guerra do Rio’, afim de noticiar o que foge ao “padrão da normalidade” e que só vemos na cidade do Rio de Janeiro. Uma decisão que foi muito criticada e gerou controvérsias tornando-se debates de especialistas em segurança e a opinião pública como um todo. Segundo o site Jornalismo nas Américas: “as próprias Forças Armadas (...) negam a existência de uma guerra. Em entrevista recente ao Estadão, o porta-voz do Estado Maior das Forças Armadas, coronel Roberto Itamar Cardoso Plump, disse que o uso do termo é um "exagero midiático" (MONNERAT, 2017).

A palavra “Guerra’ sempre foi utilizada pontualmente em outros veículos como El País, Revista Época ou no próprio jornal O Globo, afim descrever comparativamente a violência na cidade do Rio de Janeiro. Contudo permanece para nós a pergunta: “a serviço de quem?”.

Segundo o jornalista Aydano Motta:

A palavra guerra na conversa informal, sem problema, vale tudo - mas quando ganha tons oficiais, abre-se uma tampa perigosa, muito além de mera questão semântica. A guerra prevê rendição ou extermínio total do inimigo, e eventual sacrifício de inocentes em nome do objetivo. As leis mudam, os direitos individuais são revogados. O cotidiano de toda a população, não apenas de uma parte, altera-se profundamente (Idem, 2017)

Como um contraponto das alterações de uma modernidade tardia, com a virada do século XX, áreas urbanas como a cidade do Rio de Janeiro passam a receber maior influência da cultura do controle. Tais ideias são defendidas pelo sociólogo e jurista especializado em criminologia David Garland.

Para Garland (2001) as transformações ocasionadas pela dinâmica da produção e do mercado capitalista e o correspondente avanço tecnológico ocasionam uma abrupta reestruturação do modo de vida familiar nas cidades e nos subúrbios. Essa separação simbólica e imagética dos indivíduos divididos entre a cidade e os subúrbios ou entre o asfalto dos bairros nobres da Zona Sul do Rio e as favelas e morros cariocas, representa a verticalização e a materialização do discurso segregacional.

Após a década de 1960, com o início dos movimentos migratórios internos, que irão culminar com o aumento crescente da industrialização e do processo conhecido como êxodo rural brasileiro, a cidade do Rio de Janeiro experimenta o aumento crescente sobre as suas taxas de delitos. A criação de um mercado consumidor massificado e a disponibilidade de novos produtos, não demora para que estes se tornem, mais cedo ou mais tarde, alvos para práticas de roubos e furtos de telefones celulares, automóveis, etc. Sustenta Garland que há um “vínculo casual entre essa transição de uma modernidade tardia e a susceptibilidade da sociedade em relação ao crime”. (Idem, p. 89)

Tal vínculo é reforçado também pela cultura de massa e a importância da televisão, que como parte dos meios de comunicação hegemônicos, desenvolve uma demanda comum a ricos e pobres. Garland destaca que as mudanças estruturais do estilo de vida familiar, acrescida pelo aumento do número de divórcios e o crescente número de famílias monoparentais, soma-se as transformações demográficas como por exemplo, os movimentos de migração das classes médias e dos mais ricos que abandonaram os subúrbios cariocas. É neste cenário, longe dos centros de trabalho, que os subúrbios reproduzem a alocação e o afastamento dos mais pobres e das minorias concentrando-os nos locais mais distantes do grande centro da cidade, que sem contar com a presença dos equipamentos urbanos adequados, criam assim, uma eficiente forma de segregação social.

Em uma abordagem crítica sobre as narrativas jornalísticas que utilizam a expressão “Guerra no Rio de Janeiro”, Carla Baiense Félix (2017) em seu artigo intitulado “As Guerras do Rio: mídia, favela e militarização do cotidiano” destaca que a partir de diversas experiências empíricas, Mc Combs “pode comprovar que, se não definem como pensar determinadas questões, os meios, são eficientes, ao menos, em dizer sobre quais questões pensar”. Sendo assim, é através de uma certa ótica ou agendamento que os meios hegemônicos como periódicos, telejornais, sites e revistas organizam a leitura e interpretação dos fatos que são apresentados a sociedade.

Ao optar, portanto, pelo lançamento de um Editorial de Guerra, o Jornal Extra, por exemplo, institucionaliza um posicionamento em seu discurso a respeito de uma representação violenta deslocada da realidade cotidiana e da dinâmica da cidade. Nesse sentido, fica claro para nós reconhecermos o posicionamento e como a interpretação da experiência cotidiana é pautada pelo discurso de uma mídia de grande circulação, capaz de produzir narrativas específicas em direção a interesses particulares.

6. Considerações Finais

Quando adotado, esse conjunto de discursos que produzem o sentido do outro como perigo, como ameaça, se estabelece na intenção de se produzir recortes que afirmam não somente a questão da violência urbana, mas sim recortes da segregação territorial relacionada a questões de pobreza, saúde e indicativos raciais.

A banalização e utilização de uma “metáfora de Guerra”, através das condições de produção e circulação da informação, reproduz e dá cada vez mais ênfase ao “medo do outro” enquanto justifica a violência e o conflito armado como parte constituinte dessas relações. Deste modo, tais processos comunicacionais naturalizam os conflitos e as situações de violência, não como produto de políticas públicas ou das relações sociais. O discurso de “Guerra na cidade do Rio de Janeiro” é muitas das vezes construído enquanto acontecimento isolado, ignorando as condições históricas e sociais que estão por trás de uma mera reprodução dos efeitos da violência.

Como revelado pelos estudos de Carla Baiense Felix (2017) a chacina de Vigário Geral, que ocorre em 29 de agosto de 1993, será lembrada na capa do Caderno Retrospectiva do Jornal o Globo, com o título “A batalha do Rio”, sendo neste contexto que se encontra pela primeira vez a alusão a estrutura de uma guerra no cenário carioca.

Cerca de uma década depois, Felix encontra uma representação mais contundente sobre este debate, agora na edição de 6 de abril de 2003, onde o Jornal o Globo ao mesmo tempo que avalia os cem primeiros dias do governo Lula, traz duas outras reportagens que relacionam: “o cerco final a Saddam e uma matéria exclusiva sobre o loteamento dos pontos de venda de drogas de Copacabana e Ipanema. Lado a lado, a Guerra do Iraque e a Guerra do Rio revelam dois momentos distintos dos conflitos” (FELIX, 2017 p. 8). Enquanto o reino de terror do ditador iraquiano Saddam Hussein estava prestes terminar, a “guerra particular” na cidade do Rio de Janeiro estava longe de chegar ao fim.

A “metáfora de Guerra” é um recurso utilizado pelas grandes mídias que separa e compartimenta o conhecimento dos fatos oferecendo assim uma ótica de conflito sedutora e militarizada para interpretação do mundo. Quando o espectador assume um lugar no conflito na sua representação de sujeito-imaginário, o morro e o asfalto sofrem imagneticamente com os efeitos subjetivos desse discurso, acentuando ainda mais aspectos da segregação e de uma nova divisão social e geográfica da cidade.

Portanto, embora o enquadramento predominante no período seja o da violência, há um agendamento de diferentes questões públicas (...) É necessário que se opere uma distinção entre ‘nós’, cidadãos de bem que pagamos nossos impostos, de um lado, e ‘eles’, que ameaçam nossa segurança, do outro, para que os direitos humanos percam espaço no debate público. (...) se antes estabelecia o favelado como vítima do sofrimento produzido pela violência, cada vez mais o leitor é convocado a tomar o lugar da vítima. Sem dúvida, o poder de fogo e os confrontos espetaculares entre traficantes causam interrupções na rotina de milhares de moradores da cidade (...) não se pode isolar a violência do tráfico da sua representação midiática, e que esta vem agendando de modo efetivo a ação do Estado frente à questão, tendo como consequência a militarização do cotidiano nas favelas. (FELIX, 2017 p. 9).

Em 2008, o jornalista João Paulo Charleaux havia escrito que o contexto de violência brasileiro não se encaixa nem na definição legal nem humanitária de “Guerra”. Sob o ponto de vista do Direito, a “Guerra” é “um conflito armado entre as forças armadas de dois ou mais países”. Já no aspecto humanitário, o estado de guerra é definido pela Convenção de Genebra de 1949, em que alguns direitos humanos ficam reduzidos e a prerrogativa do uso letal da força é ampliada.

Todavia ao buscarmos a perspectiva dos que habitam em áreas conflagradas, como as comunidades e subúrbios cariocas, ficamos mais próximos do entendimento dos habitantes da cidade que diariamente são impactados pela violência no Rio. Como por exemplo, o fundador da agência de notícias da favela, André Fernandes, que entende uma outra definição de guerra. Para ele, a guerra está no cotidiano da brutalidade policial que moradores de favelas vivem há anos. “A polícia [...] entra nas favelas de forma desorganizada e sempre mata inocentes. Não há nenhuma inteligência e, sim, muita brutalidade na operação policial que acontece desde sempre no Jacarezinho”.

Antônio Teixeira de Barros e Rogério Diniz Junqueira (2011) no livro Métodos e Técnica de Pesquisa em Comunicação, apontam que o conhecimento científico deve estar intimamente ligado ao conhecimento crítico, pois sem o senso crítico, seríamos incapazes de realizar uma apreensão crítica da “realidade”. Assim, a observação científica é sempre uma observação polêmica, pois se constrói contra os argumentos de um conhecimento anterior, a fim de avançar através das retificações necessárias às análises e a formulação de novos paradigmas científicos da “realidade” social.

Por esta razão, devemos cumprir o sacrifício de abandonar a superficialidade e o conforto oferecidos pelo senso comum. Embora como apontam os autores, também seja ele até certo ponto empírico, o senso comum acaba exercendo um saber nada rigoroso, capaz de confundir a essência com a aparência, sem métodos e sistemas. Sem preocupar-se em submeter as afirmações anteriores a novas críticas, o senso comum torna-se fragmentado ao propor seus componentes mistificadores da realidade. (Idem, p. 36)

Longe de encerrar a discussão, acreditamos ser possível realizar uma breve conclusão através da reflexão com base na ideia de que entre as discussões virtuais, a favor ou contra de nomearmos como Guerra o estado de exceção na vida dos cariocas, surge uma outra questão: Afinal, o que acontece no Rio não tem nome. Uma vez que o foco da questão não é achar um termo definidor, mas sim entender que generalizar a situação de violência urbana no Rio de Janeiro, em apenas um conceito, significa reduzir demais a natureza dos fatos. Quando você chama de guerra, você simplifica e simplifica errado. Portanto, não dá para simplificar, porque a situação do Rio não é simples.

REFERÊNCIAS

ARNETT, Peter Gregg. **Live from the Battlefield: From Vietnam to Baghdad: 35 Years in the World's War Zones**. New York: Simon & Schuster, 1994.

BOUTHOU, Gaston. **A Guerra**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1964.

BLOCH, Étienne. **Marc Bloch (1886-1944) une biographie impossible**. Limoges: Culture et patrimoine en Limousin, 1997.

BARRACLOUGH, G. **Atlas da História Universal 'The Times'**. Rio de Janeiro: Editora O Globo | Centro Cultural Banco do Brasil, 1995.

FELIX, Carla Baiense. **As guerras do Rio: mídia, favela e militarização do cotidiano**. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2017.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008.

BARROS, A.T.; JUNQUEIRA, R.D. **A elaboração do projeto de pesquisa**. In: DUARTE, J.; BARROS, A.T. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. Curitiba: Nova Fronteira. 4ª Edição, 2004.

GARLAND, David. **Culture of crime control**. Chicago: The University of Chicago, 2001.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

SANTOS, Laymert Garcia dos. **A televisão e a Guerra do Golfo. Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual**. In PARENTE, André (org); Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MANSOUR, Léda. **The practice of online re-information**. Revista Mídia e Cotidiano, v.13, n°4, março de 2019. Niterói: EdiUFF - Universidade Federal Fluminense, edição: março de 2019.

_____. **Pratiques de personnalisation sur le réseau social Facebook Palestinien**, actes du 1er colloque International GERMédias Minorities and Medias, Coord. Catherine Ghosn, ISC Business School, Éditions IARSIC & ESSACHESS: Paris: France, 2016.

VON CLAUSEWITZ, Carls. **Da Guerra**. São Paulo: Trubner & Co. Martins Fontes, 1979.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

YAMASHITA, Joug Guimarães. **As Guerras de Marc Bloch: nacionalismo, memória e construção da subjetividade nos testemunhos de guerra**. Tese de doutorado em História Social, Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2015.

REFERÊNCIAS DIGITAIS

MANSOUR, Léda. Speech (Saudi Arabia) “**Analyse des micro-transformations dans le Twitter en Arabie arabe. Mémoires et transformations**”
Disponível em: <<http://frenchjournalformediaresearch.com/lodel/index.php?id=1712>>
Acesso em: 17 de abril de 2019.

MONNERAT, Alessandra. JOURNALISM IN THE AMERICAS *in*: **Brazilian newspaper creates "war" section to cover violence in Rio and is criticized by security experts**. -
Disponível em: <<https://knightcenter.utexas.edu/pt-br/blog/00-18761-jornal-extra-cria-%E2%80%98editoria-de-guerra%E2%80%99-para-cobrir-violencia-no-rio-e-e-criticado-por->>>
Acesso em: 17 de abril de 2019.

MANSOUR, Léda. Coordination d’un numéro de revue « **Web 2.0: lieux de perception des micro-transformations des sociétés** », in French Journal for Medias Studies, revue électronique bilingue français/anglais, à comité de lecture international. - Disponível em: <<http://frenchjournalformediaresearch.com/lodel/index.php?id=1602>>
Acesso em: 25 de junho de 2019.

Operação policial na favela Vila Cruzeiro, na Penha Zona Norte do Rio - Agência O Globo: <<http://www.agenciaoglobo.com.br/fotoGaleria>> Acesso em: 27 junho de 2019.

Sociólogo Sergio Adorno fala sobre tendência a diminuição dos homicídios no Brasil - Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/blog/yvonne-maggie/post/2019/05/31/sociologo-sergio-adorno-fala-sobre-a-tendencia-a-diminuicao-dos-homicidios-em-grande-parte-do-brasil.ghtml>> Matéria do site G1 de 31/05/2019. Acesso em: 27 junho de 2019.

“Guerra entre traficantes deixa dois mortos na Rocinha” - Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/videos/t/todos-os-videos/v/guerra-entre-trafficantes-deixa-dois-mortos-na-rocinha/6154863/>> Matéria exibida no Fantástico em 17 de setembro de 2017. Acesso em: 27 junho de 2019.